

Introdução

Nesta dissertação, tomando como fio condutor a evolução do tema da verdade na pergunta de Heidegger sobre o ser, comentarei as transformações de seu pensamento, desde a questão do sentido do ser como verdade, tratada na sua dissertação de doutorado, seguida da noção de verdade como a verdade da existência, em *Ser e Tempo*, até a sua definição da obra de arte como o “lugar” do acontecimento da verdade, quando ocorre mais decididamente uma “virada para o poético” que passa a privilegiar uma meditação sobre a linguagem e a poesia. Situarei, à seguir, os desdobramentos desta elaboração em seu estudo da unidade original da arte frente ao advento da técnica moderna, tendo em vista a recuperação conduzida por Heidegger do sentido original da *techné* grega como um saber-fazer e uma ação eficaz onde repousa a identidade entre a obra de arte e a obra de técnica, que é por ele contrastado com o sentido moderno de obra como produção.

O primeiro capítulo visa explicitar o sentido de verdade apresentado em *Ser e Tempo*¹ e seu acento na *techné* intrínseca à manualidade humana. Remontei ao início da carreira acadêmica de Heidegger, comentando a sua dissertação de doutorado, *A doutrina do juízo no psicologismo* de 1914-15, a sua habilitação [*Habilitationsschrift*], *A doutrina das categorias e das significações em Duns Scotus* de 1915-16, e as suas preleções de 1919-1923, incluindo *Ontologie. Hermeneutik der Faktizität* de Freiburg, até “*Lógica. A questão da verdade*” em Marburg de 1925/26.

Neste começo, partindo da distinção husserliana entre lógica formal e lógica transcendental, a dimensão ontológica da verdade é valorizada face à tradicional noção de verdade lógica da *ratio* e o que Husserl havia denominado de lógica como ciência regional. A via fenomenológica, em seguida associada à visada hermenêutica, é aliada às questões teológicas de sua formação cristã, orientando as suas primeiras pesquisas no entendimento de “essência” e “ser”, diferenciando estes das tradicionais noções de *essentia* e de *entis*. Este entendimento da verdade que culmina com a publicação de *Ser e Tempo* em 1927, mostra a manualidade e a utensiliaridade de uma *techné* artesanal fundada na

¹ Doravante referido nesta dissertação pela sigla ST.

estrutura da ocupação. As noções de mundanidade e de temporalidade serão explicadas na noção de transcendentalidade associada ao que chamou de verdade existencial, que é o Dasein como o ser-no-mundo, desenvolvida neste tratado. A tematização específica da essência da verdade encontrada no §44 será a seguir comentada.

Exporei no segundo capítulo, o período conhecido por viravolta ou viragem [*Kehre*], onde Heidegger aprofunda a explicação do tempo como o “horizonte do ser” ao tematizar o tempo e o ser, promovendo uma reflexão sobre a essência da história, o que chama de “historial”, que distingue do meramente histórico. Mostrarei como o projeto de *Ser e Tempo* de uma Destruição [*Destruktion*] da lógica tradicional, que abrigaria a essência da metafísica no retorno ao seu impensado na exposição de suas bases constitutivas, é abandonado frente à uma nova noção de historicidade. Esta, antes focada na existência do Dasein, desloca-se neste momento, para uma reflexão sobre a história da metafísica, entendida como o desdobramento das diferentes épocas de compreensão do sentido do ser pelo Dasein humano, que Heidegger chama de “história do ser” [*Seinsgeschichte*].

Pensando a história da metafísica como história do ser e do esquecimento do ser, que seria a “errância” da não-verdade que se revela como um envio “destinal”, Heidegger desloca o acento que antes estava concentrado na ontologia fundamental do Dasein, para a a relação entre Dasein e ser, enquanto pergunta pelo ser enquanto ser. Para discutir este momento da *Kehre*, analisarei os seus textos principais desta época, *Sobre a essência da verdade*, *Sobre a essência do fundamento*, *O que é metafísica* e *Introdução à Metafísica*, que associam o problema da verdade com o do fundamento, o erro, a dissimulação e o nada, e onde Heidegger coloca em questão as tradicionais noções de liberdade ao explicitar uma mais radical noção de verdade.

Desde esta viragem de seu pensamento, a *techné*, que em *Ser e Tempo* era pensada como fundamentalmente a manualidade do ser-no-mundo, que é o Dasein, numa relação de utilidade com as coisas, é revista. Voltando-se para a obra de arte, pensada simultaneamente sobre o fundo da técnica moderna, Heidegger reflete sobre a facticidade das épocas da metafísica, trazendo o que considera ser uma *techné* industrial juntamente com a obra de arte para o centro dos seus estudos, frente à uma radicalização na explicitação das questões da

negatividade, da liberdade, da historicidade e da diferença entre verdade ôntica e verdade ontológica. O projeto de constituição de uma lógica filosofante que não foi possível ser realizado na ontologia fundamental de ST é então transformado, marcando nesta viragem em sua filosofia um apontar para a meditação sobre a essência da linguagem, onde a poesia é mostrada como o “projetar clareante da verdade”. Esta reflexão sobre a linguagem e a poesia encontrará inicialmente na obra de arte o lugar do acontecimento de uma mais originária verdade, onde a verdade [*Wahreit*] aproxima-se, porém não se confundindo, cada vez mais das palavras para ser [*Sein*] e essência [*Wesen*], no que não é uma estrutura estável mas que “acontece” essencializando, i.e., abrindo um aberto, a clareira [*Lichtung*] de uma nova época do ser. Esta concepção, pensada intrinsecamente à reflexão sobre a potência do nada, encontra um fundamento ainda mais original, que coloca mais uma vez, e mais radicalmente, em suspensão a noção tradicional de verdade entranhada na noção de fundamento como fundo estável. Heidegger formula esta concepção de verdade como a “verdade que se põe-em-obra” na obra de arte. A verdade que se põe-em-obra é, assim, para Heidegger, um envio do ser, ser que se dá nas aberturas históricos-destinais que constituem um determinado mundo, e que como origem ou salto inicial de um vir-à-presença [*Ursprung*], é um começo essencial [*Anfang*].

Desta noção de verdade tratarei no capítulo 3, que é dedicado à conferência *A Origem da Obra de Arte*. Neste texto, a verdade como tal, que até então não fora possível ser localizada em um âmbito pensável, visto a sua associação intrínseca com o “nada” do ser, nos diz Heidegger, encontra sua “realização e auto-posseção” na obra de arte. Esta compreensão do que seja a verdade, inicialmente lançada nos textos da *Kehre*, é mais uma vez retomada na busca de um sentido mais original, onde é associada à uma nova noção de mundo, que emerge juntamente com o aparecimento de um novo conceito, o de terra. A terra e o mundo estariam unidos por uma relação contrariante, onde, um combate essencial afasta e conecta estes dois termos no que chama de “rasgão” [*Riss*], no qual a nova figura do ser delineia-se como a medida e o limite das formas das épocas da história, abrindo um novo horizonte de compreensão para cada povo. Esta reflexão sobre a arte, aliada aos seus estudos contemporâneos sobre Hölderlin, inicia uma passagem da filosofia para a poesia no movimento em que visa explicitar o lógos da linguagem como a lógica mais originária.

Esta monografia abordará por fim, no capítulo 4, os principais pontos da questão da tecnologia na produção moderna, que foi vista por Heidegger como parte indissociável da arte enquanto *techné*, que estudarei no texto da conferência *A questão da técnica*. A técnica moderna, cuja essência foi por Heidegger denominada *Gestell*, seria o derradeiro momento da metafísica, no destino que se dá como um retorno incessante ao que Heidegger compreende como um começo essencial do projeto metafísico que, associando a noção da forma da verdade com a de verdade da forma, teria sido lançado inauguralmente por Platão ao fazer a passagem da noção de verdade como alétheia para *orthotés*, o correto. Esta decisão fundamental pela forma e pela figuração, por sua vez conectando a noção de desenvolvimento e conhecimento com a do lógos da razão, foi apresentada por Heidegger em 1940 em *A doutrina platônica da verdade*. A *idéa* do ente visível ao intelecto enquanto inteligível, transmutada nas épocas das ontologias que se seguiram, como *energeia*, *actualitas*, subjetividade, objetividade, vontade de saber e vontade de poder, e agora na era da técnica, em uma “vontade de vontade” que suportaria, uma nova verdade, i.e., uma nova maneira de essencialização da realidade de tudo o que é, tanto dos entes quanto do próprio ente humano, a *Gestell*. A técnica moderna, que Heidegger vê marcada pelo domínio da causalidade da razão em sua incessante perfectibilidade de princípios já adquiridos, seria para ele o ponto máximo do perigo do esquecimento do ser, esquecimento que, desde a *Kehre*, pensou como a retração inevitável do ser em sua doação.

Mostrarei, então, como a noção do devir e acontecer da verdade na obra de arte, que marca a passagem do pensamento heideggeriano da filosofia à poesia é considerada como indissociável da atenção de Heidegger ao modo de essencialização operado pela técnica moderna. Na abertura de um caminho de pensamento do “simples dizer do ser”, situado além da metafísica da subjetividade, a reflexão sobre a essência da obra de arte e da técnica alia-se à noção de acontecimento-apropriativo [*Ereignis*] que crescentemente ocupou o centro de sua filosofia. Pensando o *Ereignis* em continuidade à sua pergunta pelo ser, mais adiante, Heidegger vai caracterizar uma ética originária que, enquanto ética poética da unidade do pensamento e da ação, seria uma ética da verdade, o que será apontado nas considerações finais desta monografia.